

Evocando o mártir de Montjuich

Faz hoje precisamente 16 anos que Francisco Ferrer foi fusilado em Espanha. É inútil vir referir que o grande apóstolo da educação racionalista estava inocente de todas as acusações que levaram um tribunal excepcional a condená-lo à morte.

A revisão do seu processo já foi feita e ela demonstrou a sua inocência declarando-o isento de culpa. Mas a revisão do processo não teve o poder de ressuscitar um morto — um morto coberto de glória — e um dos grandes argumentos contra a pena de morte é exactamente esse: a impossibilidade de se reparar uma injustiça.

Não foi Ferrer que foi julgado, mas sim a educação racionalista. Condenaram Ferrer supondo que, mandando-o fusilar, com ele desapareceria a Escola Moderna. Sinistra estupidez! Como se doze espíngardas, que puderam abater uma das rebeldias mais nobres e intelectuais de Espanha, fossem capazes de deitar abaixo um método de ensino! Só em Espanha se aceitaria a doutrina da Igreja da idade média, segundo a qual uma heresia morreria desde que se exterminassem todos os heréticos.

A perseguição à ideia só podia ter sido tentada num país em que a maioria da população tem, como, características psicológicas o fanatismo religioso e a mais servil das resignações. Nada ajudou a Espanha oficial, a Espanha de Afonso XIII, pseudónimo do jesuíta Torres, que é o verdadeiro rei, a Espanha dos frades corrompidos e dos generais palacianos, cuja ferocidade bárbara, comprovada em sangrentas represões, corre paralisada com a cobardia com que fugiram diante dos cubanos, dos filipinos, dos norte-americanos e, mais recentemente, diante dos marroquinos, em assassinar Ferrer.

A morte de Ferrer foi a condenação de Espanha. O mundo inteiro, exceptuando os bandos capitalistas e reaccionários que são minoria privilegiada mas infima, ergueu-se num clamor de indignação que fez esquecer as fronteiras fazendo rugir de medo e raiva impotente as feras de sotaia e de farda. O mundo inteiro teve um belo estremecimento de revolta que vingou Ferrer, que promoveu uma formidável apoteose à

escola racionalista, sem se ter disparado um tiro, sem ter corrido uma gota de sangue. Perdão. Dispararam-se tiros e correu sangue. Mas tiros que partiram de polícias e de soldados instigados pelos jesuítas, correu sangue mas o sangue generoso dos manifestantes. Milhões de pessoas, entre as quais a mocidade activa das escolas e universidades, entoaram em coros cheios de magosa grandeza e de vibrante emoção a «Internacional» e manifestaram a sua execração pelos assassinos do homem que quiz educar um povo secularmente ignorante e embrutecido.

Enquanto o mundo inteiro se galvanizava de dor e de revolta, que fazia o povo espanhol? Silencioso, sem um protesto imobilizava-se nas igrejas e resava, imobilizava-se nos quarteis e obediência. Algumas vozes intelectuais e corajosas não conseguiram, a pesar da sua ousadia e do seu sacrifício, acordar um povo que dorme desde que se atearam as primeiras fogueiras da inquisição. Foi nesse momento excepcionalmente trágico e vergonhoso que um grande escritor rebelde proclamou uma verdade profunda e desanimadora: «O povo espanhol não existe».

Ainda está viva a Espanha que matou Ferrer. O crime ainda está impune. Maura hoje chama-se Primo de Rivera. E o Primo de Rivera de hoje é tão reaccionário que Maura de ontem cortou relações com ele. Só nalgumas regiões de Espanha o operário se libertou espiritualmente da reacção e veio afirmar, por meio do sindicalismo revolucionário, o seu desprêzo pelo passado. Mas essa minoria foi vencida momentaneamente pela pressão violenta e sangrenta dos militares e dos padres e pela multidão amorfa, pela multidão cobarde, por essa multidão fanática que é o povo espanhol a quem cortaram a cabeça para reduzir à escravidão.

Que admirar pois que ao cadáver de Ferrer viesse juntar-se mais tarde, e talvez no mesmo cemitério, o cadáver de Salvador Seguí? O grande educador e o grande lutador não podiam ter num país como Espanha a morte tranqüila dum burguês, não podiam viver num país dominado pelo terror militarista das casernas e pelo fanatismo que irradiava milhares de igrejas e conventos.

Estão-se realizando em Portugal touradas com touros de morte

Há muito tempo que elementos conserdores, alguns que se dizem católicos e teementes a Deus, vêm sustentando uma campanha antipática a favor de um espectáculo regressivo e bárbaro — as touradas com touros de morte.

Abusando da incultura da multidão, pretende-se servir-lhe um espectáculo imoral que longe de educar e de estimular os bons sentimentos do povo, antes o leva ao hábito pernicioso de encarar a vida pelo seu lado violento.

Essa campanha persistente, quasi constante tem feito, por vezes, hesitar as próprias autoridades e algumas — há que não ocultam a sua simpatia e a sua concordância com a barbaridade que há muito fôra proscrita dos nossos costumes.

Em Lisboa, onde a campanha altruísta contra as touradas encontra uma forte corrente de opinião pública, não têm os adeptos do sangrento espectáculo alcançado os seus fins.

Na provincia, porém, onde o povo é mais inculto e onde os senhores da lavoura e do capital se permitem transgredir mais à vontade as poucas leis justas do país, estes barbarismos encontram mais fácil terreno de desenvolvimento.

Assim, há dias, em Vila Franca de Xira realizou-se, na presença das autoridades que não tiveram coragem de resistir ao pedido imoral dos que têm interesse em matar touros, uma tourada com touros de morte.

Fôram abatidos na arena dois cornúpetos decerto mais inofensivos e mais úteis do que os homens que, num delírio feroz, exigiram a sua morte.

Os jornais de grande circulação, que tanto gostam de fazer a apologia de tudo que contribua para a desmoralização popular, não conseguiram disfarçar a sua satisfação ao noticiar o crime.

E não sabemos se, a esta hora, do ministério do Interior partiu, em vez duma ordem de exoneração para o delegado do governo em Vila Franca, um elogio em forma. Como tudo, porém, anda doído e em Portugal os governos e as autoridades estão apostadas em atiração as leis, é natural que as autoridades de Vila Franca tenham sido elogiadas pelo governo.

Este acontecimento que encheu de prazer os reaccionários não pode passar sem o nosso veemente protesto.

Não podemos consentir que em nome duma tradição inadmissível se dêem ao povo

A guerra de Marrocos

Os rifenhos preparam uma forte ofensiva
FEZ, 12. — Segundo notícias recebidas nesta cidade Abd-el-Krim esta concentrando 15.000 homens na região de Ait Kemana, comandados pelo próprio chefe rifenho e pelos seus dois ajudantes, seu irmão e El Kherifo.

O chefe rifenho parece disposto a atacar as tropas espanholas que tomaram Adjir, visto aquela concentração distar apenas 2 léguas e meia da antiga capital do Rif. Outras informações dizem, porém, que procurará um êxito sobre as tropas francesas de Kifano.

Vários parentes e partidários do Oaid Mohamed Azerkane e doutros notáveis executados por ordem de Abd-el-Krim, voltaram-se abertamente contra o chefe rifenho. Os rifenhos mostram uma certa actividade na zona de Bibane, depois de reagruparem as suas forças derrotadas pelas tropas francesas.

Condenação de dois comunistas na Alemanha

BERLIM, 12. — O tribunal de Essen, após duas semanas de debates, condenou a dois anos e três meses de prisão os dois comunistas Hegelmayer e Zelthemat, acusados de terem tomado parte activa no movimento separatista da Renania. O terceiro acusado foi absolvido por falta de provas.

Nos seus considerandos da sentença, os juizes protestaram contra a campanha levada por certos jornais, que acusam os juizes alemães de favorecer os interesses da França.

A atitude da Federação Marítima

Mais uma associação que rompe
Na assembleia de ontem, a Liga dos Oficiais da Marinha Mercante resolveu, por grande maioria, desligar-se definitivamente da Federação Marítima.

espectáculos que apenas o educam no culto da violência e do crime.

Pretextando a necessidade do revigoramento da raça para defender as touradas com touros de morte. Para revigoramento da raça precisa-se de balnearios, de cursos de ginástica para a infância, de divulgação de princípios de higiene, de fábricas instaladas com todas as condições de salubridade, de defender a creança da exploração fabril, de protecção eficaz às mulheres nas officinas. Isso sim, isso seria benéfico para a raça. As touradas, porém, apenas contribuem para definhá-la ainda mais, principalmente na parte moral que tão abandonada está dos poderes constituídos.

A arbitrariedade das deportações sem julgamento

Pelo dr. sr. Orlando Marçal
Promovida pela Comissão Pró-Regresso dos Deportados realiza-se hoje, pelas 21 horas, no Salão da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, uma conferência contra a monstruosa iniquidade das deportações. Que nenhum operário falte a afirmar com a sua presença a repulsa contra um crime do poder, praticado com a certeza da impunidade e com o desejo de servir os ódios dos reaccionários de todos os matizes e de conquistar as boas graças da rua dos Capelistas!

As mentiras do sr. Botelho Moniz, as patacoadas de «O Século» e o operário «canhoto»

Surge-nos agora o sr. Botelho Moniz, com um livro que se absteve de nos enviar — provavelmente por só considerar imprensa *A Época* e outros jornais monárquicos que muito agradam às suas convicções inflexivelmente republicanas — onde historia os acontecimentos que deram origem ao 18 de Abril, livro que não pôde ser escrito no forte da Graça, por o seu autor entender que a inspiração melhor o bafejaria em Badajoz, — na Badajoz de azougadas e tentadoras belldades.

Não lemos o livro, nem conhecemos as *tonadillas* baratinhas que são metade da inspiração do seu autor. Mas *A Época*, que, dia a dia, o vem transcrevendo e publicando — com grande boa vontade de nos ser amável — a seguinte vaga e gratuita acusação a C. G. T.:

«Deram-se em Lisboa com uma unidade militar, há poucos anos atrás, certos acontecimentos de natureza revolucionária e sindicalista que, pela repercussão resultante na opinião pública, obrigaram um governo a mandar proceder a um inquérito.

Conduzido este com elevado espírito de equidade por um oficial, ex-comandante de certo aquartelamento próximo do Parque Eduardo VII — chegou-se à conclusão da existência de «entendimentos entre o governo e elementos da C. G. T.», dos quais os referidos acontecimentos eram uma consequência.

Não sei se houve ameaça de publicação de quaisquer factos no caso das averiguações proseguirem: Mas é um facto incontestável ter certo dia o «ministro da Guerra sr. Alvaro de Castro», pela sua repartição do gabinete, mandado uma nota confidencial ao oficial sindicante, convidando-o a deixar passar em claro os factos que averiguasse — e a chegar a conclusões anónimas».

«Para abafar o escândalo de indignas ligações do seu governo, (Alvaro de Castro) com estes organismos (*Batalha* e C. G. T.) estando um nobre e distinto oficial superior, seu amigo e sua vítima, o falecido major Azevedo, a levantar uma sindicância a certos acontecimentos graves ali passados, uma nota confidencial do ministro da Guerra Alvaro de Castro, mandou abafar tudo. Esta nota existe».

De que unidade militar se trata? Que acontecimentos de natureza sindicalista e revolucionária se deram? Em que consistiram as ligações do governo Alvaro de Castro com a C. G. T. e a *Batalha*?

Não o diz o sr. Botelho, no que enfileira ao lado de todos os outros revoltosos de 18 de Abril que acusam toda a gente gratuitamente sem apresentar provas e que foram absolvidos por falta de provas!

O ataque aos adversários tendo a calúnia por arma é um mau sistema que só pode ser usado por quem possua um mau carácter. Além de que a verdade nunca saiu dos lábios dum despeitado. E o sr. Botelho Moniz ainda está despeitado pelo facto de, nos alvares do sidonismo, ter vindo à U. O. N. — a antecessora da C. G. T. — fazer, por sua iniciativa, um discurso pedindo, suplicando, em todos os tons, com meigas inflexões de voz, próprias mais dum tenor de opereta do que dum fardado súbdito de Marte, que fossem aceites os entendimentos que o sr. Botelho não se dá ao trabalho de nos apresentar.

A resposta que recebeu foi uma negativa absoluta, feita com a delicadeza com que aliás sempre tratamos as pessoas que nos procuram. O sr. Alvaro de Castro é que nunca cá veio propor-nos entendimentos nem fazer discursos para a tal nos arrastar. E lamentável que o sr. Moniz censure nos outros as acções que só ele praticou.

O sr. Moniz não é forte em seriológica, pois no seu livro afirma que a questão social nasceu dum homem, afirmação tão disparatada como o dizer-se que a humanidade veio do ventre duma única mulher. O sr. Moniz escreveu essas enormidades perturbado por Badajoz ressaltando disso o haver no seu livro espanholadas a mais e raciocínios a menos. Sintetizando: o sr. Botelho é *muy saleroso* — mas muito mentiroso — mentiroso como um despeitado, do despeitado que, no fim de contas, ele continua sendo.

O sr. Trindade Coelho passou a ser um triste exemplo de audácia cínica. Não nos admira pois que, tendo resvalado numa insensibilidade moral deplorável e nefasta, escreva um artigo dedicado aos operários, falando-lhes prolixamente e confusamente de Karl Marx, das cargas das legiões napoleónicas, da Magna Carta, da nomenclatura de Comte, no pensamento de Sérvio Tulio, na lei das Doze Tábuas, nas orlas agitadas do Mediterrâneo e do Adriático, nos novos Gracos, nos novos Mártires, no vínculo económico e anímico que liga o homem à família, nas

classes fechadas e nas classes abertas porque não também nas classes semi-fechadas e semi-abertas? — no bem pessoal, no bem público, na prosperidade colectiva, na lei económica e natural dos mais aptos, no afôrismo darwinista do *struggle for life* e em mais alguns milhares de coisas, para os aconselhar a votar. A votar nos melhores. Os melhores são o estúpido do novo rico Alfredo Ferreira, o sr. João Pereira da Rosa e o talentoso Carlos de Oliveira que fugiu, cheio de medo, para Espanha — e em todos os comerciantes e industriais que exploram os operários.

Engana-se o sr. Trindade Coelho: os operários não são tão estúpidos para irem votar naqueles que os roubam e exploram. Os operários recebem os salários dos seus exploradores, mas ao alugarem-lhes os braços não lhes alugaram a consciência como o sr. Trindade Coelho fez, reclamando-se ao todo o momento o nome do seu pai que preferiu suicidar-se a degradar-se como ele fez.

Porém, enquanto escrever artigos como esse que citámos o perigo não é grande, porque não haverá ninguém que, tendo o lido, não tenha adormecido profundamente em cima dele.

O Mundo, em vez de nos responder directamente, impinge-nos uma carta de um operário «desiludido da proficuidade dos métodos de acção directa». Não respondemos a quem não tem a coragem moral, quando nos ataca, de nos revelar a sua personalidade. Isso só revela uma grande falta de consciência, se é que um operário, em vez de existir, não passa de um operário saído dos bicos da pena de quem escreveu o artigo substancioso — substancioso de contradições flagrantes. Pelo artigo dá-nos a impressão clara de que um operário que o escreveu trabalha, não em determinada profissão, mas na propaganda da esquerda democrática. Com um operário assim não se pode perder tempo.

Notas & Comentários
Touros de morte
Mão amiga fez chegar até nós uma carta que nos traz a notícia de que, na praça de touros de Santarém, se correm hoje três touros de morte, sob a autorização do governador civil do respectivo distrito. Este bárbaro espectáculo causou profunda sensação de repulsa no operariado escalabrante por significar o regresso à barbarie, que o governador civil autoriza e que a Sociedade Protectora dos Animais deve evitar.

Nós e a Companhia das Águas
A Companhia das Águas arranja sempre processos eficazes de extorquir o dinheiro ao público. A *Batalha*, como toda a gente, está sendo vítima desses processos. O contador que temos no nosso jornal já era usado quando no-lo trouxeram; talvez por isso, ao cabo de três meses de serviço parou de contar. Mas a Companhia do sr. Carlos Pereira não se atrapalhou com o caso — vai cobrando todos os meses pela contagem da data em que o contador parou. Ora sucede que durante estes meses, devido à escassez já banal no estio, os nossos gastos de água são tirisórios — porque, na maioria das vezes que a procuramos, das torneiras apenas sai vento. Desta maneira a Companhia não perde — porque ela nunca perde. Quem perde somos nós, a quem o sr. Carlos Pereira dispensa uma cativante simpatia...

Um escândalozinho...
Ontem, nos corredores do ministério do Trabalho, houve grande borboirinho que não teve decerto a sua origem nos serviços próprios daquelas repartições. O sr. Castêdo de Mendonça apareceu de cabeça aberta, escorrendo sangue. Muita gente viu o estranho espectáculo e comentou-o à boca pequena. Soubemos, assim, que alguém que fez de pertença a uma senhora daclógica, fez desagrarar, por aquela forma confusa, duma grave ofensa que o sr. Castêdo de Mendonça, antigo socialista e recentemente governador de Quelimane, lhe infligira.

Um monopólio negro...
Movem-se grandes influências para que se fusione as empresas exploradoras da indústria dos chocolates, no intuito, é claro, de não baratear o preço dos produtos no mercado. O director da S. I. C., sr. Vasconcelos, tem andado numa roda viva, esvoaçando em torno da Aliança da Suíça.

A opinião insuspeita de Rocha Martins acerca das deportações sem julgamento

Rocha Martins estabeleceu, numa crónica literária, um paralelo entre as deportações ordenadas por Vitorino Godinho e a repressão feita em França após o esmagamento da Comuna de Paris. O paralelo que Rocha Martins estabeleceu com exactidão e eloquência constitui um libelo contra as deportações homicidas ordenadas por um político sem inteligência e sem escrúpulos. Lamentamos que a falta de espaço só nos permita transcrever, com a devida venia, do *Diário da Tarde*, algumas passagens da admirável crónica de Rocha Martins:

«Não conheci o denominado *Bella-Kuhn*, legionário vermelho; tampouco já vi o *Avante*; dos deportados para a Guiné só de um tenho notícia que não é de molde a dar-lhe mau conselho. A informação detalhada da morte de alguns dos proscritos não me trouxe, todavia, essa alegria que vi espalhada em certas faces de pessoas bem instaladas na vida nem a meus lábios, habituados a dizer só a verdade do meu sentir, acudiram palavras jubilosas que a outras ouvi. E' que do fundo da minha razão não admito condenados sem julgamento como não concebo castigos de juizes, após as suas sentenças, por não serem consentâneas com o sentir do poder. Arremessar para um clima insólito um homem, que ninguém julgou em tribunal, equivale a rasgar os direitos da justiça; é tão iníquo como esmagar julgadores que dão seus pareceres em consciência. A justiça deve ser, como a Liberdade, uma só e para todos. Quem as deseja torcidas não é democrata, não pertence mesmo à alcinhada reacção bem intencionada. Isto vem a propósito do degresso sem julgamento, da morte de alguns dos enviados para a Guiné e a comemorar a data em que Rochefort foi julgado pelos militares que fundaram a República Francesa.

Em 1871 — a 18 de Março — os comunistas instalaram-se em Paris. Dentro em pouco reinava a confusão e o terror. Os republicanos estavam em Versaillies com Thiers, antigo ministro do rei Luís Filipe, e os alemães vencedores acampavam a pouca distância da capital. Uma guerra de exterminio se travou. Desarrazoava-se a cabeça do mundo. Depois de tanta pelo champagne das imperiais patacoadas turvava-se com a pólvora bebida no álcool dos *cabarets* e diluída no excitante dos princípios que já não se respeitavam. Os idealistas caliam, ante o pasmo do universo aterrado, vencidos pelos ambiciosos. Rochefort fôra acusado pelos comunistas, êle, o grande paladino da revolução; generais improvisados, ornados de galões até aos ombros, rugiam as suas cóleras enquanto outros os intrigavam aguardando o seu fusilamento. Demoliam-se estátuas e mulheres estranhas — as netas das fúrias da guilhotina — iam às Malles fazer as compras em carruagens das Tulherias. Os princípios enxovalhavam-se e definhavam-se. A' orgia militarista sucedera o regabofe populaceiro dos seus imitadores. E, no meio deste singular tumulto, dêstes nivos ferinos, em que as acusações subiam, os páldios crentes na redenção do mundo pela bonade enlaidesciam ante os horrores. Seus lábios desmaiados não po-

da qual já conseguiu compromissos, outro tanto não conseguindo da Favorita. Contra esta vão as três primeiras assestar batarias no sentido de a convencerem ou... vencerem.

Mais um monopólio na forja... e este irá cair, especialmente, sobre os papás e as mããs dos bêbes gulosos. Nós cá estamos para pagar indirectamente...

Uma associação operária...

Vai formar-se em Coimbra uma colectividade a que, por esperteza jesuítica, se deliberou chamar Associação Operária. É uma obra fomentada por criaturas que adoram o Coração de Jesus e acreditam nos milagres de Santa Isabel. Quem aprova os estatutos foi o sr. Bispo-Conde e quem se elegeu para presidente foi o dr. Serras e Silva. Estamos vendo daqui que bela obra de desmoralização religiosa poder fazer essa estranha Associação Operária, cujos dirigentes são os operários Bispo-Conde e dr. Serras e Silva.

A boca literária

O sr. Ferreira do Amaral, cuja boca literária é uma flagrante realidade, botou mais uma epístola num jornal da tarde. Conveneu-se de que o seu país não pode passar sem a sua prosa e ei-lo, não no intuito de patenter perante a admiração do público as suas delicadas ironias e elevados conceitos, mas na louvável intenção de orientar os seus conterrâneos, escrevendo compridas laudas que se têm com muito interesse. Sua *ex.* conta inúmeros admiradores, entre êles, o mais modesto, evidentemente, o pobre sapateiro remendão que se lamenta de não possuir tanto brilho literário como o ilustre comandante da polícia para melhor o elogiar e apreciar em público...

Continua a detenção dum espanhol

A pesar de estar perfeitamente provado que não existe motivo para conservar por mais tempo preso o subdito espanhol, há muitos anos em Portugal, José Sanchez, ainda não se verificou a sua libertação.

Não sabemos a que oculta mola obedece esta estranha perseguição que há muito devia ter cessado.

Está, ao que parece, empenhada a polícia em conservar na triste situação de detido um homem cuja situação é bem regular, conforme atestam inúmeras criaturas das mais opostas políticas e opiniões e muito principalmente comerciantes que com êle privam e negociam.

Ser-nos-ia grato não ter de aludir outra vez a este caso arrumado, mas que as autoridades procuram, ao que parece, embrulhar cada vez mais.

Julgamento
Realiza-se hoje, no tribunal da Boa-Hora o julgamento do operário Emídio Rodrigues Pinho, que se encontra há tempo na cadeia do Lameiro.

E' seu defensor o dr. Campos Lima, advogado do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade.

diam pronunciar suas palavras deliquentes porque nem os corações dos devoristas as albergariam nem as razões da derrota se podiam clamar sem trair, ou sem chorar pelas ilusões do credo.

Os princípios prevaleciam. Esses homens acusados de banditismo, mascarados de políticos, esses audaciosos terroristas que se serviam de todas as armas, de todas as acções estranhas, que não hesitaram em praticar todos os delitos, desde os fusilamentos às escaladas, tiveram julgadores e os seus patronos puderam defendê-los. A França onde nascia uma democracia, de fronte às baionetas inimigas, não deportou ao acaso, por alvêrio de qualquer moscardo do zumbidor de acusações, não arvorou a bandeira da ordem para a sua sombra praticar a desordem de arremear para as regiões insalubres indivíduos por julgar. E se entre êles fossem alguns inocentes? A consciência da nação condenaria um dia os juizes.

Assim quando aquele barco, que ia conduzir o forçado Rochefort e os comunistas de todas as camadas, desferrou de Toulon para a Nouméa podia dizer-se que os acusados tinham gozado do direito de defesa. E que acusados? Jam com os semeadores de ideias, os sanguinários deixados no acaso dos horrores revolucionários. Gritava-se que tinham feito em Paris uma Semana Sangrenta; Thiers, que salvara a sociedade, servindo-se de tribunais, após o encontro das forças do exército com as da Comuna — recebia em troca em francos, o valor do seu palácio demolido, e uma alcincha que prevalecia sobre toda a sua glória de historiador e de político: *O Velho Sinistro*.

O rebocador que conduziu os deportados para bordo do *Virginia* — que ironia este nome! — chamava-se *O Trabalhador*, que sarcasmo é este título! E a caminho da Nova Caledónia, sob as vistas dos guardas, mas bem tratados pelos marinheiros, tanto os homens como as mulheres condenadas sentiram decerto que, na sua derrota, tinham escapado ao arbítrio. Essa democracia fundada a pouca distância dos alemães soberbos, não o arvorava. Junto dos presos, nas horas amargas da doença, apareciam irmãos de caridade para os tratar, no fundo dos porões, e perto deles, ajudando-os, em nome de outros princípios, mas movendo mãos tão suaves como as das religiosas, Luisa Michel, a condenada, cuidava dos seus cúmplices e, escutando as orações dos crentes, olhando o céu, resava no livro do Infinito a prece da Humanidade.

Protestos no Ministério do Interior

Em obediência ao que ficara resolvido no comício promovido pelo grupo «Os Libertadores» estiveram ontem no Ministério do Interior protestando contra as deportações e prisões sem culpa formada, inúmeras pessoas.

O referido grupo pede-nos para avisar as criaturas que ontem não puderam comparecer, se dirijam hoje ao mesmo Ministério deixando ali os seus cartões de protesto.

Condenados a um regime de morte, os presos do governo civil e várias esquadras estão morrendo lentamente

De degradante, a situação dos operários presos e que se encontram em várias esquadras e nos calabouços do governo civil, vai tornando-se insustentável.

Presos há cerca de 5 meses, há operários que já mais gozarão uma vida plena de saúde que os torne aptos a enfrentar a dureza dos mistérios que lhe garantem a existência. Sugeitos a uma tortura que é a vergonha do século XX, há rapazes tuberculosos a quem um futuro macabro espreita sem piedade. Tanto os calabouços do governo civil como os das esquadras não têm condições para um preso ali passar mais de 24 horas. Todavia em qualquer deles há operários há mais de 150 dias, numa promiscuidade que horroriza e que é bem o vínculo da mentalidade dos modernos inquisidores. Num país onde as leis de humanidade fossem sentidas como convém à nossa civilização, esses antros de suplício que se chamam calabouços há muito que teriam desaparecido por execráveis e bárbaros numa época de civilização.

Em Portugal, não só são utilizados para os supostos delinquentes políticos esses calabouços como ainda servem para largos estágios desses pseudos delinquentes.

Já não é apenas a flagrante injustiça que representa a prisão há cerca de 5 meses de indivíduos sem culpa formada, como repetidas vezes aqui temos verberado. A infâmia vai mais longe, com a detenção em lugares infectos e nauseabundos de homens válidos que, devido às condições da prisão, em pouco tempo não servirão para nada. E' a condenação à morte sem a mais leve forma de processo ou julgamento!

E' mais humilhante os presos sumariamente para que roubarem-lhes a vida por esse vil instrumento de dor e suplício — os calabouços.

Não queremos hoje reclamar a libertação imediata dos presos, porque não queremos que alguém infira que estamos lamuriando a libertação de criminosos que só os tribunais podem classificar. O caso de hoje — embora nós, intimamente convencidos da inocência de muitos, não possamos exigir outra coisa — é muito outro: Exigimos que sejam imediatamente transferidos para qualquer outra prisão com superiores condições higiénicas e ali aguardem o resultado da célebre revisão de processos os presos que se encontram espalhados nos vários calabouços, quer do governo civil, quer das esquadras. Ninguém, absolutamente ninguém pode defender esse horrível processo de suplício, fundamentando-o nos códigos ou em qualquer princípio de humanidade.

Ninguém, absolutamente ninguém pode ou deve defender a permanência no governo civil dos presos que ali se encontram há mais de quatro meses, dormindo sobre támbas ingerindo uma repugnante mistela a

que dão o nome de ração. Não há muitos dias que os presos tiveram que recusar o rancho tal a repugnância que ele causava. Dizem-nos que essa poeira foi dada aos sinos que por sua vez a recusaram. As latas e os tabuleiros onde vai esse rancho causam náuseas. Os moços que os conduzem é gente ascorosa recrutada para o efeito e nenhuma noção de civilidade e limpeza têm! E é sob esse regime de miséria e de sofrimento que dezenas de operários vivem uma vida de opróbrio há mais de quatro meses, sem que sequer conheçam quando termina a sua odisséia, cruelmente imposta pela polícia da capital.

Isto no referente às condições higiénicas dos in-paces do governo civil. Mas há mais e não menos doloroso. Pesa sobre eles a ignominiosa e miserável arrogância dos seus carcereiros, que envergonham em brutalidade qualquer carrasco de Burgos.

Ainda há dias de entrada num desses imundos calabouços um pobre louco — que diz ser romeno — e cujos acidentes não vão além de gritaria. Foi-lhe consentido que passeasse nos corredores que dão acesso aos calabouços. A polícia, não tendo pela sua infelicidade o menor respeito, vestiu-lhe um colete de forças e tem-lhe aplicado tão formidáveis muros que o desgraçado apresenta o rosto num estado miserável e o colete de forças ensanguentado.

Do espancamento até ao fuzilamento, encontra remédios para todos os males esta odiosa polícia.

Tudo isto se passa no edifício onde há um funcionário que há pouco disse na imprensa que ia proceder-se a um inquérito para se apurar se houve espancamentos a presos, como se disse. E tudo isto se passa num regime democrático que tem por presidente do ministério um homem que fora do governo tão liberal se apresentava. Os políticos são sempre assim.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A greve dos marítimos ingleses é secundada em vários países

Conforme já dissemos, os marítimos ingleses revoltaram-se contra os seus «leaders» e contra os armadores, abandonando o trabalho, por motivo de parte dos chefes da sua união terem aceite a redução de uma libra por mês nos salários, sem consultarem e terem a aprovação de toda a classe.

A greve foi espontânea, e afectou os maiores portos da Inglaterra, tendo sido também secundada pela maior parte dos portos das colónias inglesas.

Assim na Austrália a greve foi total, tendo as autoridades federais aprovado leis especiais para deportar os representantes das organizações marítimas. Em Sidney, capital da Austrália, realizou-se uma grande manifestação de simpatia a favor dos marítimos em greve, na qual tomaram parte mais de quinze mil trabalhadores, que aprovaram moções, ameaçando com a greve geral, no caso em que se chegasse a deportar os dirigentes da greve.

Na Cidade do Cabo, União Sul Africana, recorreu-se ao sequestro dos tripulantes, mas perante a sua negativa de trabalhar os vapores viram-se obrigados a voltar ao porto.

Na Nova Zelândia intentou-se deportar Jack Lyons, delegado dos I. W. W. num barco australiano, mas perante as ameaças dos trabalhadores não o mandaram para os Estados Unidos, como desejavam.

Os principais portos da Índia Inglesa e da China paralisaram, tendo-se estendido também a greve aos portos do Canadá e Antilhas Inglesas.

Também a greve se estendeu aos Estados Unidos, logo que a União Industrial dos Marítimos recebeu um telegrama, dando-lhe notícia da greve, e pedindo o seu auxílio. Foi enviada cópia deste telegrama a todas as secções, e a do porto de Nova York foi a primeira a votar por unanimidade, as outras não se demoraram a responder, secundando o movimento.

A chegada a Nova York do «Majestic», tripulado por amarelos e marítimos da reserva, organizou-se uma manifestação, na qual tomaram parte mais de mil pessoas, levando grandes cartazes, nos quais se explicava o seu mau procedimento. A polícia dissolveu a manifestação, mas os grevistas conseguiram que a maior parte dos tripulantes se envergonhassem da sua acção e abandonassem o vapor no porto de Nova York.

No porto de Mobil, ao ser declarada a greve, foi abandonado o único barco que estava no porto, porém, a polícia não pôde passar sem sair em defesa dos exploradores, e assaltou a secção local, levando presos o secretário e os que ali se encontravam. Telegrafou-se para Nova Orleans, e daquele porto saíram reforços para manter a associação aberta e intacta a linha de defesa dos grevistas.

A União Industrial dos Transportes Marítimos aproveitou a greve para reclamar o estrito cumprimento das condições obtidas por ocasião da greve de 1923.

A União dos Marítimos da China também tem paralisados os portos de Xangai, Hong-Kong e Cantão tudo quanto à nação inglesa se refere, estando portanto em luta contra os exploradores ingleses marítimos de todos os pontos do globo—brancos, pretos e amarelos.

COMISSÃO TEÓFILO BRAGA

Sob a presidência do dr. sr. Magalhães Lima, reuniu a Comissão Teófilo Braga, resolvendo solicitar da Câmara Municipal de Lisboa que a Travessa de Santa Gertrudes passe a denominar-se Rua do dr. Teófilo Braga, visto a actual denominação não ter justificação toponímica, e atendendo que a primeira história da literatura portuguesa. Mais resolveu solicitar que a inauguração da nova nomenclatura seja em 28 de Janeiro de 1926, data do 2.º aniversário da morte do dr. Teófilo Braga.

Nesse dia será lançada a primeira pedra para o monumento que a Comissão lhe deseja erigir por subscrição pública.

AGREMIACÕES VARIAS

Grupo «Acaso». — No recinto 1.º de Maio, em Benfica, realizou-se no passado domingo o 6.º jantar deste grupo, que decorreu com grande animação. Todos os convivas exteriorizaram o seu contentamento pela maneira inteligente como a direcção organizou este jantar e pela forma agradável como foram servidos no recinto referido pelo seu proprietário.

A comemoração do assassinato de Francisco Ferrer

Uma data

Eramos bastante novos, porém o clamor então produzido teve o poder de impressionar-nos—guardando-nos hoje, como reliquia e incentivo, a dolorosa impressão que recebemos, e que urge, neste dia recordar, para que jamais esqueça.

Mataram Ferrer! Mataram Ferrer! — ouviamos dizer entre assomos de indignação e protesto, como a vincular bem a infância cometida.

E todos os anos, em Outubro, mataram Ferrer! mataram Ferrer! feria os nossos ouvidos, gravando, cada vez mais forte, mais profundamente, essas palavras que para todos o sempre hão-de acender almas e conquistar adeptos, no triunfo da ideia —da ideia que Ferrer y Guardia o professor apostolo duma doutrina nova erguera alto para iluminar o Mundo, meio corrompido pela mentira religiosa que fanatiza e destrói!

Mas então não compreendíamos nós o que de infame e monstruoso tinha sido essa morte. Só mais tarde, quando começámos a entrar na vida, o mataram Ferrer! mataram Ferrer! para nós desconhecido se aclarou. Todo o drama sangrento desde a semana trágica—em que a juventude espanhola se negava a marchar para os campos de batalha—aquele em marrocos e a concordância dos padres à indústria dos operários, com barricadas nas ruas, artilharia varrendo a mole proletária e vinte e tantos conventos pasto das chamas que as lágrimas das mães e a revolta dos pais acenderam ao fuzilamento de Ferrer, dando como instigador da revolta popular, não porque o tivesse sido de emancipação humana, de clarividência para os espíritos, tudo se desenrolou ante nossos olhos atônitos. E o amargo desse crime invadiu-nos, tocou nossos sentimentos e abriu a inteligência...

Hoje então, o 13 de Outubro está sempre patente! E com ele o desejo ardoroso de uma vida intensa para espalharmos a grande Verdade por que tombou Ferrer.

A Escola Moderna—seu grande sonho!—supostamente aniquilada com a sua morte, vive no entanto. O povo aceita-a, adora-a enternecidamente, embaldado pela sua Harmonia e vivificante Beleza.

Podem os camelots da rei combatê-la, clamar sobre ela as iras do papa, do rei e do inferno—uma grande verdade porém subsistirá sempre, recordando-nos o que os próprios tribunais espanhóis, passado aproximadamente doze anos, tornaram público: a inocência de Francisco Ferrer y Guardia, entregando aos seus os haveres confiscados!

Porque, segundo os desejos do jesuitismo, o não deviam matar? Não! Simples formalidades judiciárias!...

Adolfo de FREITAS

Uma sessão comemorativa

Promovida pelo Núcleo da juventude Sindicalista de Lisboa, realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede do Sindicato Metálico, rua da Esperança, 122, 2.º, uma sessão comemorativa do assassinato de Francisco Ferrer. Usarão da palavra delegados do Núcleo, C. G. T., Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa e Comité Revolucionário pró-salvação de Espanha.

APOLO

Nos annos gloriosos da história do nosso teatro acaba de registar-se um grande formidável triunfo, com a representação neste palco da grandiosa peça «Sallibanco», original de A. Enes, exaltando o público o trabalho de Alves da Cunha, secundado com fulgor por Berta Bivar.

Contra o assalto à C. G. T.

Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra

Na assembleia geral do Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra foi aprovada uma moção de protesto contra o assalto da polícia à C. G. T., que passamos a transcrever:

«Considerando que mais uma vez os esbirros da polícia assaltaram o edifício da C. G. T. e a Batalha e mais organismos operários, considerando que tal assalto representa uma afronta à organização operária em geral e aos seus princípios Sindicatos Revolucionários, assim como à soberania dos Sindicatos seus aderentes:

Os fogueiros resolvem:

1.º—Lavar o seu mais veemente protesto contra tão insolente como arbitraria infâmia.

2.º—Ratificar a sua confiança na C. G. T. e sua orientação, dando-lhe aquela força que ela necessita para poder enfrentar os verdugos autoritários que sem respeito pelos trabalhadores violaram a sua casa.»

Juventude Sindicalista de Gouveia

O Núcleo de Juventude Sindicalista de Gouveia reunido em assembleia geral aprovou um veemente protesto contra o assalto feito pela polícia à sede da C. G. T.

Liga das Artes da Viação Portuguesa

A comissão administrativa da Liga das Artes de Viação Portuguesa resolveu protestar, por intermédio da imprensa, contra a busca feita pela polícia na C. G. T. e organismos que se encontram instalados no mesmo edifício, lamentando ao mesmo tempo que sujeitem a tão baixas e sem escrúpulo se criaturas a tão viis papéis.

Enviamos-nos protestos contra o assalto à sede da C. G. T., a Associação de Classe da Construção Civil das Caldas da Rainha, Secção da Carris da Juventude Sindicalista do Porto, Associação dos Rurais de Estremoz, e Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos de Gouveia.

Sociedades de recreio

Grémio E. Civil do Monte. — Para discussão e aprovação do relatório e contas da gerência 9.4-925, reúne hoje, pelas 21 horas, esta antiga agremiação anti-clerical na sua sede, rua da Graça, 162, 1.º, E.

DENTES ARTIFICIAIS a 25000. Extracções sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARTO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Os ferroviários do Sul e Sueste, numa importante assembleia, apreciam o desarrailamento de Aljustrel

BARREIRO, 11. — Pelas 21 horas de ontem reuniram na Casa dos Ferroviários em assembleia geral extraordinária, os ferroviários do Sul e Sueste. Esta assembleia foi requerida a fim da classe resolver a directriz a tomar no caso do crime de Aljustrel - Figueirinha.

Tendo sido convidado o dr. Milheiro Fernandes, director da polícia, a comparecer na referida assembleia e não o podendo fazer, fez-se representar pelo agente sr. José Augusto.

Aberta a sessão, o secretário geral informa que em 21 de Agosto, próximo passado, recebeu a comissão administrativa, das mãos de António José Piloto, toda a documentação que há três anos vem sendo organizada pelos ferroviários, respeitante ao monstruoso desarrailamento Aljustrel-Figueirinha.

Esses documentos, devidamente lacrados, foram no dia seguinte, por ele, entregues ao dr. Ramada Curto, advogado dos ferroviários.

O Sindicato enviou notas officiosas para os jornais sobre o assunto e numa delas anunciava a aparição dum folheto ou livro, contendo todos os pormenores em poder dos ferroviários, na primeira quinzena de Outubro. Não houve desmentido no assunto e ainda não terminou o prazo em que esperava apresentar ao público esses dados tão preciosos para a descoberta dos criminosos. Declara também que se convidei imprensa para fazer representar.

Miguel Correia declara ter sido o iniciador do requerimento solicitando a assembleia extraordinária. Não está redigido de forma a duvidar-se do trabalho realizado pela comissão administrativa. O seu fim foi pôr todo o pessoal ao corrente do que se passa, fazendo-o conhecer todos os trabalhos realizados e a realizar e ficarem assim sabendo que, com apan, se tem tratado da questão, como é desejo de todos.

António José Piloto descreve minuciosamente o que foi o crime hediondo que há 4 anos enlutou a família ferroviária e diz: «É necessário recordar a data em que o facto se deu! A classe ferroviária não acusa ninguém, mas tem procurado desde o primeiro dia e procurará colher para o futuro todos os elementos para que luz se faça e as autoridades concluem essas investigações, descobrindo os criminosos.

Os ferroviários não querem saber da categoria dos autores do crime. Tenham eles a categoria que tiverem, os ferroviários irão até ao fim, onde for necessário ir. De há muito se vem explorando em volta dos ferroviários, quando ninguém tem vibrado mais de indignação do que essa classe, quando ninguém tem mais desejo de que se faça luz e justiça do que eles. O crime foi cometido após o 19 de Outubro, justamente quando os ferroviários viam todas as suas reclamações atendidas, quando os demitidos de 30 de Setembro eram readmitidos, quando, enfim, tinham o seu pão garantido. Durante 70 dias, de 30 de Setembro a 9 de Novembro de 1920, que os ferroviários se mantiveram em greve, nunca atentaram contra qualquer comboio que os militares organizavam e não seria em tempo normal e em ambiente favorável que o iriam fazer. Os que têm feito voltar o assunto sobre os ferroviários erraram o golpe; falhou-lhes o alvo. A quem poderia aproveitar o crime? Não está a defender-se mas sim a ciender uma classe. Assistiu, em nome da defesa, a par das investigações. Também assistiu às homenagens às vítimas e às reuniões de protesto. Desde que o governo retirou a polícia que em Beja estava encarregada da investigação, com o fundamento ridículo, irónico e criminoso, da falta de verba, caloteando ainda esses agentes, alguns ferroviários tomaram sobre si a missão incumbida aqueles agentes e tornaram-se polícias amadores para que se levassem a cabo as investigações.

Há três anos que isso se faz, arquivando-se todos os documentos, que são preciosos.

Fez-se o julgamento de Jacinto da Silva, em Beja, não tendo sido tocado o assunto do crime de que era acusado e havia confessado, mas sim o de vadio que não constava dos autos e por este condenado em seis meses e entregue ao governo. Este julgamento, como «O Sul e Sueste» referiu, fez-se em circunstâncias tais que mais se pode chamar de audácia secreta.

Um dia aparece o sr. Joaquim Lança, de Beja, defensor das forças económicas, e declara em A Epoca que possuía um «dossier» completo do crime e referindo-se ao orador queria fazer acreditar desvergonhadamente que ele era um dos convites. O sr. Lança declarou no congresso do partido nacionalista conhecer os criminosos.

Sendo abordado por uma das vítimas para que lhe dissesse tudo quanto sabia, negou que tal tivesse afirmado para, em Maio último, no mesmo jornal, vir novamente à ligeira, com insinuações torpes e velhacas, mal pensando que aqueles a quem estava atacando possuíam elementos poderosos para a descoberta da verdade.

Nesta ocasião deu-se um comício em Beja e então aproveitou esse tablado para novamente fazer palpatar a questão e publicamente pedir às autoridades a continuação das investigações, visto encontrarem-se presentes os srs. directores da polícia de investigação e da segurança do Estado.

A delegação de Beja também nessa data oficiou ao sr. governador civil pedindo providências. Dirigiu-se também uma exposição ao último congresso democrático para que se interessasse pelo prosseguimento das investigações. Esse documento, que foi entregue ao sr. Sousa, nem foi lido com a desculpa de ter sido inutilizado—oh ironia!—por uma garrafa de água. Enviaram-se officios, seguidamente, e no mesmo sentido, aos ministros do Interior e Justiça e ninguém se moveu.

A justiça portuguesa só se lembra dos pequenos, prendendo-os, deportando-os e esfacelando-os, muitas vezes, na sua maioria, sem um indicio, mas unicamente por represália às classes laboriosas. A justiça, baseada na falta de verba, asserção que se não pode tolerar, esqueceu por completo o sangue que correu, os gemidos das vítimas e as lágrimas que ainda se não enxugaram.

A pesar de todas as contrariedades os ferroviários não desanimaram. Tendo eles conhecimento que Jacinto da Silva se encontrava na Colónia Penal de Sintra, onde

também ultimamente esteve um detective de Coimbra a desgrelar batatas—caso parecido com o do lobo que ninguém viu—enviámos ali um officio pedindo para lhe ser feita a máxima vigilância, para evitar assim que alguém o podesse suggestionar e se desse a sua evasão antes de tudo esclarecido.

O director daquele estabelecimento enviou-nos um officio em que nos declarava que o linha enviado para Monsanto, após a imprensa ter feito algumas referências ao crime. Isto deu-se em Abril. No mesmo sentido se oficiou ao sr. dr. Pestana Júnior. Se os ferroviários não publicaram já o dossier muito completo que possuem é porque não têm querido entrar de qualquer forma a acção da polícia. Vão fazê-lo agora depois de se convencerem da inacção da polícia e de todas as autoridades.

Referiu-se ainda o sr. Joaquim Lança e com o caso que especular, consciente ou inconscientemente, a um facto banal e foi o de o orador ter ido a Beja, como delegado dos ferroviários, assistir, a convite feito ao sindicato pelo então governador civil sr. José Pedro de Matos, tenente da guarda republicana, ao interrogatório de Jacinto da Silva.

A esse interrogatório, feito no seu gabinete e por sua ex.ª, assistiu também o camarada da delegação de Beja Luís António de Carvalho. Com o governador civil ainda foram trocadas impressões sobre algumas cartas que foram enviadas a determinadas pessoas, por quem, prevenindo que não embarcassem nesse dia no comboio. Eis a visita que fez a Jacinto da Silva o delegado dos ferroviários.

Afirmou o sr. Lança que após o J. da Silva ter recebido uma visita misteriosa, quando se encontrava incomunicável, começou por negar tudo quanto tinha afirmado. Essa visita misteriosa deve ter sido de algum misterioso que os indivíduos a cuja guarda estava a sua incomunicabilidade devem conhecer. Se o sr. Joaquim Lança tem provas, tem indicios, apresente-os, pondo-se ao lado dos que querem luz e justiça.

O jornal A Batalha indicou há pouco o nome de dois indivíduos, um com muito dinheiro e outro que usa um dr. antes do nome. Através da história da humanidade temos verificado que os crimes mais horrorescos, como o de que se está tratando têm sido planeados e levados a cabo pelas chamadas altas individualidades. A classe ferroviária apela para que as autoridades não trepidem.

Miguel Correia diz: A pesar da minuidade dos factos apresentados pelo camarada Piloto, pelo menos os que podem fazer raciocinar os ferroviários, a questão não foi posta precisa e completamente. Conhece em grande parte ou em quasi todos os seus detalhes o que se pode chamar o processo de investigação dos ferroviários. Embora não traga para público todas as minuidades não se dispensa de citar alguns factos. Não vê também que trazei para aqui alguns assuntos que dizem respeito ao crime se vá afectar o bom andamento das investigações policiais. Sejam os claros!

Se se não tem dado andamento à entrega das investigações a que os ferroviários chegaram, é porque os mesmos não têm confiado que as autoridades sejam capazes de agir, porque a nefanda política a isso obstaria, por aquele crime haver envolvidas individualidades altamente cotadas. Desejavam também os ferroviários ver até onde chegariam as entrevistas dos srs. Lança e tenente da guarda republicana Palma Antunes. Temos, para ver a firmeza das autoridades e outros, enviado officios a toda a gente. Temos feito política à própria política. Não foi ainda em tempo devido, segundo o seu entender, que o «dossier» dos ferroviários passou para as mãos da polícia. Sendo ocasião eleitoral não se sabe se as autoridades, devido à política, serão capazes de levar ao fim tão grande empresa. Tudo está em poder da polícia. Ela hoje conhece nomes, conhece tudo. Cabe aqui uma referência ao Diário de Notícias quando se referiu ao agente de Coimbra. Quando esse agente foi fazer essa investigação já, há muito, nós todos tínhamos obtido, tudo, devidamente assinado por Jacinto da Silva, que foi ensinado a ler e escrever, sem estarmos presos, nem a valer, nem a fingir. Esse polícia descobriu o que toda a gente já sabia desde que Jacinto da Silva foi preso, que era ele um dos autores do atentado. A reportagem do Diário de Notícias foi tão excepcional que dava o agente de Coimbra como o melhor detective do mundo, pedindo-lhe promções.

(Continua.)

DESPORTOS

HOCKEY EM PATINS

Benfica e Hockey empatarem por 1-1

Já vai criando certo entusiasmo entre o público a prática do Hockey em patins o que prova o aumento de assistentes e de entusiasmo que de encontro para encontro se observa. Porque também se tratava duma final, para apuramento do campeão em primeiras categorias, entre o Benfica e o Hockey, os mais adestrados grupamentos e valorosos rivais, a assistência era superior ao habitual.

O jogo decorreu movimentado, equilibrado, sendo o Benfica o primeiro a marcar, tendo a vitória a sorrir-lhe até ao último segundo do tempo regulamentar, ocasião em que Magalhães, após um falhanço de Nébit consegue marcar o ponto de empate.

Jogaram-se mais vinte minutos regulamentares, sem resultado, devendo a Federação marcar novo encontro para então se decidir a classificação.

Crê-se que será já no próximo domingo o que a verificar-se, será já o quinto encontro, nesta época, dentro do campeonato, entre o Benfica e o Hockey. O primeiro, anulado por irregularidades; os dois seguintes, regulamentares; o da final que resultou o empate e o futuro que dará o título de campeão, e a posse da taça, ao vencedor.

A arbitragem de João Monteiro, cuidada e acertada.

LOUZA, TORRÃO PLENO DE FRAGRANCIA

Sob a influência do oceano sideral acolhe-se Louza, que é um mimo de verdura, espalhando o cenário da sua flora sinuosa, as cambiantes mais extraordinárias e impressionáveis aos espíritos sedentos de emoções.

O panorama é vasto e todos os seus planos se sobrepõem até atingirem o horizonte.

O formoso e gigantesco pinhal—qual diadema—domina a povoação humilde e laboriosa, e, através da ramaria sibilante, cõa os ares, tornando-os excelentes, atraíndo ricos e pobres, nobres e plebeus, para o seu seio resinoso, balsâmico e tonificante.

E' nos pinheiros, que bastantes benefícios têm prestado à existência humana e que dão a sua seiva em prol de outras vidas, que, o que gosa saúde, se alberga sob a sua sombra, para retemperar as suas forças nas horas de viliatária; ou onde o tuberculoso, torturado pelo trabalho ou corrompido pela fome, procura a esperança derradeira do alívio para o seu peito cavernoso. ... E, todavia essas árvores idosas dispensam carinhos a todos e lá continuam impávidas aguardando o momento do carrasco—o leñador—as abater a golpes de machado dando a vida em holocausto à humanidade!

A encosta, salpicada de casebres alvos, bem cuidados e dum acieio irrepreensível, termina nas estradas velha e nova, onde se aglomera, paralelamente, a casaria modesta, listrada de vermelho ou cinzento.

Junto à estrada, segue o vale, com uma imensidade sucessiva de hortas, dando a impressão duma alfaiata de matizes diversos, ornamentada de figuras geométricas, guardada com plantas solanas, bulbosas, crucíferas, rosáceas, umbelinas, leguminosas, cucurbitáceas, herbáceas, gramineas, liliáceas, etc., destacando-se da verdura—a polícora dos frutos sazoados.

Ao centro ergue-se a ulmeirada, recinto em forma de gruta, onde é agradável a permanência pela frescura que ali se nota.

Louza tem água com abundância, notando-se poços em todos os sítios. É digno registar-se a Fonte Fria que fica numa caverna, desprendendo-se a água cristalina, finíssima e duma frescura que gela, dos tufo de avenca.

Quando se presentem as matinas ou vespertinas, o pastor, um rapazote, andrajosamente vestido ou a pastoreira, uma moçoila de faces rosadas, conduzem o gado lanífero e caprino para os montes, ao som harmonioso e alacrez dos chocalhos, guizos e campainhas que de mistura com o muf... muf... entoam unisonamente o hino do repasto.

Ao entardecer, nos cumes dos montes, sobre um fundo resplandecente de fogo, Eolo beija impetuosamente as azas fragéis dos moínhos que, loucamente, redolam e businam de serra em serra, de quebrada em quebrada, a sua dor, por trabalharem, farinando o trigo, e sobre a terra haver, no século XX, tanto esfomeado! Vem o manto lígubre da noite! Os raios cantam estrepidamente ao desafio.

E quando Louza tranqüilamente dorme, os mais retardatários, como não há iluminação pública, vão a caminho dos casais com uma lanterna na mão, de luz frouxa, que lhe indica qualquer obstáculo...

Domingos Afonso RIBEIRO

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA do Pessoal de Rebocadores e Gasolinas

O Pessoal de Rebocadores e Gasolinas, reunido em assembleia geral, declara não ter em vista a declaração de qualquer greve no Porto de Lisboa, como o tem feito propalar, com inconfessáveis intuítos, a Associação dos Fragateiros.

Subsistências

O conselho de administração da Bolsa Agrícola resolveu em sua última sessão baixar os preços de venda nos armazéns reguladores a partir de ontem.

INSTRUÇÃO

Sociedade Promotora de Educação Popular

Realiza-se amanhã, pelas 9 horas, a abertura do novo ano lectivo nesta Sociedade, tendo-se matriculado cerca de 300 crianças no curso diurno e para cima de 150 adultos no curso nocturno.

Na Morgue

No Instituto de Medicina Legal realizaram-se ontem as autópsias de Luísa Tavares e de sua filha Lida Tavares, que foram mortas a tiro na rua Saraiva de Carvalho. O seu funeral ainda não está determinado.

Uma irmã de Antero do Quental

Na enfermaria de Santana do hospital Estefânia deu ontem entrada, por se encontrar enferma, a sr.ª D. Matilde do Quental de Castro Borges, de 82 anos, natural de Ponta Delgada, e residente na rua dos Navagantes, 8, 1.ª, irmã do falecido poeta Antero do Quental.

Doença súbita

No hospital do Rêgo recolheu ontem sob prisão, vindo da cadeia do Limeiro, onde adoeceu súbitamente, o recluso Domingos de Oliveira, de 24 anos, barbeiro, natural de Lisboa.

Coliseu dos Recreios

Hoje - A's 21 horas (9 da noite) - Hoje

2.ª apresentação do célebre campeão de bilhar

Mr. ISIDRO RIBAS

Notável e extraordinário triunfo

Suprimentos e sensacionais trabalhos da

Grande Companhia de Circo

Entrada geral, 3500; Fauteuils a 8500; Camarotes a 4000

Quinta-feira—MATINÉE ELEGANTE

EM CABEÇO DE VIDE

A obra dum farrapo humano alimentada e aplaudida pelas autoridades locais

CABEÇO DE VIDE, 10.—O assunto de todas as conversas continua a ser a prisão dos trabalhadores rurais, caso de que nos fizemos eco numa das últimas cartas. Por que o assunto merece, vamos hoje fazer um pouco de história sobre ele.

Em Setembro do passado ano, exactamente quando o Sindicato dos Rurais junto de várias entidades tratava da crise de trabalho, ao sr. Marciano José Baptista foi dirigida uma carta ameaçadora que a burguesia considerou de autoria do Sindicato que acima nos referimos. Este, refeito em assembleia, varreu a testada e exigiu da autoridade local um inquérito. Para se desempenhar da incumbência daquela assembleia foi nomeada uma comissão que sem grande esforço veio a saber que o autor da carta era um tal Francisco Alves Maridallo, que tem a profissão de carpinteiro. Ao ser conhecido o facto referido, a população operária lançou um profundo desprêzo a tão reles figura que a partir desse momento começou a ser protegido pela burguesia e pelas autoridades, os quais pretendiam fazer afastar a hipótese de ter sido Maridallo o autor da façanha. O miserável, sempre apoiado pela burguesia, como não passasse a primeira inventou outra história: que os rurais Júlio Manuel Madeira, Francisco António Madeira, Francisco Carreiras, Roque Mena e António Júlio Lé tinham incendiado uma herdade do sr. Luís Frade Caldeira.

Foi pulverizada esta acusação, afirmando a autoridade que o fogo foi casual e que alguns dos argüidos foram os primeiros a chamar socorro. Em face do resultado a que chegou a autoridade os presos foram soltos, à excepção do camarada Lé que ainda se encontra na prisão.

Como a única testemunha que depois neste caso foi o próprio Maridallo, que, como já foi dito, é o autor da acusação, vamos traçar nestas colunas a biografia de tão nojento ser.

Em Abril p. p., o miserável veio à Associação dos Rurais entregar uma declaração escrita, firmada pelo seu punho, informando que o comandante do sub-posto da G. N. R., sr. António Crespo, declarara que guardava a mais leve manifestação daquele organismo para liquidar uma dezena de associados e entregar os restantes à polícia. Este documento, como então se disse, foi entregue, por delegados daquela Associação e da C. G. T., ao secretário geral do sr. ministro do Interior, obtendo a associação atendida do sr. António Crespo um formal desmentido daquela atoarda.

Mas não fica por aqui a obra do sevandije: Em Maio de 1924 já o Maridallo viera à Associação dos Rurais acusar a sr.ª D. Isabel Costa, esposa do dr. sr. Alexandrino Lopes Russo, de ter afirmado que quando os sócios daquela agremiação estivessem reunidos mereciam que alguém os esfacelasse a bomba. É claro que esta afirmação não passou de gratuita.

ou fôsse porque esperassem pelo comboio para saírem dos entrincheiramentos e atacá-lo, os ingleses conservaram-se ao abrigo do reduto, limitando-se a enviarem à gente de Orleans algumas descargas de flechas e algumas balas de artilharia que feriram pouca gente.

Esta hesitação do inimigo, de ordinário tão audaz, aumenta a confiança dos franceses; estes deixam a bastilha atrás d'elles, encontram nas alturas de Saint-Laurent um pósto avançado encarregado de proteger o comboio estacionário; os soldados desta escolta, vista dum reforço chegado de Orleans sem obstáculo da parte dos ingleses entrincheirados nas suas bastilhas, attribuem este successo à influência da Donzella; sua esperança redobra.

O marechal de Saint-Sever, surpreendido com o êxito da empresa, devido à pronta decisão de Joana, receava, contudo, que o inimigo tivesse de propósito deixado passar os franceses sem os incomodar a fim de os assaltar vantajosamente na volta, visto que deviam achar-se contrangidos nas suas manobras, em consequência das muitas carroças e da grande quantidade de gado que elles escoltavam. O marechal hesitava tomar qualquer partido.

— Vamos, atrevidamente! replicou Joana — a nossa firmeza impor-se há aos ingleses; se elles saírem do reduto, combatê-los hemos; se não saírem, conduziremos o comboio a Orleans. Feito isto, voltaremos em seguida a atacá-los nas suas bastilhas, e vence-los! mos com a ajuda de Deus! Tenha confiança marcial.

Estas palavras pronunciadas com voz firme, ouvidas por alguns soldados, e repetidas por elles de fôlha em fôlha, exaltam o entusiasmo da tropa; tudo se põe a caminho para Orleans, com as carroças e o gado colocado no centro da coluna, e Joana à frente dum forte vanguarda, resolvida a sustentar o primeiro choque do inimigo; porém, elle não appareceu. Soube-se mais tarde, pela confissão de vários prisioneiros ingleses, que os seus chefes compreendendo a influência decisiva que o bom ou mau resultado do primeiro con-



A vida e as obras de Pedro Kropotkin descritas por Adrian del Valle

Aspecto moral

Dentro das quatro paredes da sua cela, pobre prisioneiro isolado do mundo, achava-se a vida de Pedro Kropotkin. Todos os dias, de manhã e à tarde, recebia a visita de umas pomboas que pousam na janela para depenhar confiadamente a comida que ele lhes atira por entre as grossas grades de ferro.

A notícia da deportação de seu irmão Alexandre desespera-o, porque crê ter sido ele a causa, visto que aquele havia regressado à Rússia ao ter conhecimento da sua detenção.

Rufugiado na Inglaterra, após a sua célebre evasão, busca e obtém trabalhos de colaboração científica em publicações periódicas, que lhe permitem atender às suas necessidades sem ter que recorrer a parentes ou amigos. «Um socialista — diz — deve confiar sempre para viver no seu trabalho pessoal».

Cada dia que passa sente-se mais ligado à causa dos oprimidos. «Minhas próprias inclinações — escreve — impulsionavam-me, cada vez com mais intensidade, a unir a minha sorte à das classes trabalhadoras e deserdadas. Apresentar-lhes ante os olhos tais concepções que possam ajudá-las a encaminhar seus esforços na direcção que mais convenha ao interesse de todos os produtores em geral, profundar e dar expansão aos ideais e princípios que, não de servir de base à futura revolução social, desenvolvendo-os e fazendo-os compreensíveis aos trabalhadores, a fim de que influenciem, não como uma ordem emanada do chefe, mas como resultado do seu próprio raciocínio».

Essa missão que voluntariamente se impõe, convencido da sua necessidade, a realiza conscientemente e com íntimo prazer, sem que o detenham os obstáculos nem o assustem as perseguições nem as diatribes dos de cima, nem o descorçoem as ingratições dos de baixo.

Um incidente cômico que lhe succedeu na Suíça, prova que quando a ocasião se lhe oferecia, sabia fazer uso dum apropriação e suave ironia. Caminhava em companhia de sua esposa, por um caminho campestre em direcção a uma estação ferroviária. Ao seu lado passou uma carruagem ocupada por uma dama inglesa elegantemente vestida, a qual lhes lançou vários folhetos de propaganda religiosa.

Kropotkin recolheu-os e presumindo que na estação voltaria a encontrá-la escreveu num dos impressos os versículos relativos à sorte dos ricos no reino de Deus e outras citações bíblicas em que se diz que os fariseus são os piores inimigos do cristianismo. Quando chegaram à povoação, encontraram a rica dama tomando um refresco na sua carruagem, e acercando-se Kropotkin, deu-lhe o folheto que havia juntado alguma coisa que talvez achasse útil para seu governo.

Da firmeza do seu carácter deu provas durante sua vida, não apenas no sentido de realizar o que considerava seu dever moral, como ainda resistindo a imposições que considerava injustas, negando-se a subornar ou transigir com seus ideais e despresando as ameaças contra a sua vida. A estima própria, a dignidade pessoal, estava nele tão arraigada, que aos 15 anos, no corpo de pagens, é o único que se atreve a resistir às exigências e caprichos que se permitiam os antigos sobre os novos, e com o seu exemplo consegue que os outros o imitem e acabem assim com a tirania dos maiores. Pelo seu carácter independente, conquistou a animadversão do director, um coronel de origem francesa e maneiras je-

suiticas. Enfermo Kropotkin, o director na visita diária diz-lhe, chocadamente, várias vezes:

— Eis aqui um jovem que está tão saudável como o Ponté Novo e passa o tempo na enfermaria.

Considerando de mau gosto esta constante repetição, responde-lhe agastado:

— Como se atreve você a dizer isso? Eu direi ao doutor que o proíba de entrar nesta habitação.

O director retrocede dois passos, seus olhos brilham e seus lábios delgados parecem afinar-se mais ainda. Por fim, diz:

— Ofendê-lo? Não é verdade? Bem; no pártio temos dois canhões de artilharia. Seria bom que nos batêssemos?

— Não lhe dou palavrado, e advirto-o que não estou disposto a recebê-lo — lhe responde.

Quando o prende, ao intentar o procurador envolvê-lo numa emaranhada manobra, afirmando que Polokoff havia admitido que certa suposta carta era para ele, lhe replica olhando-o fixamente no rosto:

— Não senhor; já disse tal, e você sabe perfeitamente bem que as suas palavras carecem de verdade.

Para dissipar o silêncio que o envolve encerrado na fortaleza de São Pedro e São Paulo, começa a cantar.

— Senhor, faça favor de não cantar — lhe diz através de um postigo o carcereiro.

— Quero cantar.

— Está proibido.

— Pois, não entendo cantarei.

Acorda o governador e tenta persuadi-lo de que não deve fazê-lo, pois de contrário teria que dar parte aos seus superiores.

— Cerrar-se-me-á a garganta e perderei a sua força os pulmões se não posso falar nem cantar — lhe responde.

— O melhor será que você procure cantar em tom baixo, que se ouça o menos possível — lhe diz o velho governador de um modo suplicante.

Um dia recebe a visita do duque Nicolau, irmão de Alexandre II.

— É possível — diz-lhe — que você, um antigo pagem de câmara, um sargento do corpo de pagens, vos acheis envolvido em semelhantes assuntos e encerrado actualmente nesta horrível casamata?

— Cada um tem sua maneira de pensar — lhe replica.

E as perguntas insidiosas do duque, acaba por dizer-lhe uma vez e logo repetilhe:

— Já lhe disse que respondi ao juiz de instrução e nada de novo tenho a juntar.

Estando em Londres em 1882, dizem-lhe um dia que um homem que pretendia ser um agente do governo russo e podia prová-lo, queria entrar em negociações com ele.

— Dizei-lhe que se vem a minha casa galgar a escada — foi a sua resposta.

Condenado por um tribunal de Lyon a cinco anos de cárcere, aparentemente pelo «enorme» delito de ter pertencido à Associação Internacional dos Trabalhadores, porém, na realidade, para dar satisfação ao governo russo, Kropotkin nega-se a interpor recurso de apelação. E já na prisão, esforça-se por instruir seus companheiros e estuda o sistema prisional francês, o que, unido às observações que antes fizera do sistema russo, lhe permite escrever o livro «Nas prisões russas e francesas», tremenda requisição contra um sistema penal que tem por finalidade a vingança social e não a reforma do delinquent, produto do meio, chegando à triste conclusão de que as prisões são universidades do crime, mantidas pelo Estado.

(Continua)

Sacco e Vanzetti, ameaçados de morte pela justiça «yankee», não esquecem os seus camaradas vítimas do capitalismo internacional

A pesar dos inúmeros protestos que manifestaram os povos de todas as nações contra esse atentado de lesa humanidade, a burguesia americana pretende consumir a sentença de morte pronunciada contra Sacco e Vanzetti.

É interessante notar-se que, não obstante a crítica situação em que se encontram, os dois anarquistas italianos não se esquecem dos que sofrem perseguições semelhantes às deles. Assim Vanzetti numa interessantíssima carta ao seu camarada mexicano Rivera, que merece bem ser transcrita, diz o seguinte:

«Tomei conhecimento do caso dos nossos camaradas presos no estado de Texas por meio dum artigo sobre este assunto, publicado num dos nossos jornais deste país.

O meu coração sangra, e o meu cérebro se inflama, quando me ponho a pensar no seu martírio e nos crimes e crueldades dos governos. E frequentemente penso com um sentimento de vergonha e de remorso, nos desconhecidos, nos esquecidos, nos humildes e talvez os maiores camaradas rebeldes sepultados vivos nos calabouços de qualquer país.

Esses camaradas são vítimas dum inexplicável injustiça; felizmente está próximo o período em que poderão obter a sua liberdade.

Uma mulher é a governadora desse Estado — se a política não corrompeu o seu coração de mãe, ou o seu sentimento de justiça, não seria difícil receber uma justa reparação da parte dela. Não poderia haver dificuldade em encontrar precedentes que justificassem o facto. Muitos dos indivíduos presos, antes e depois dos nossos camaradas, pela mesma violação da lei, acusados ou não e levados perante o jurado, foram sempre condenados a pequenas penas.

Porque não interessar os camaradas da língua espanhola e italiana — especialmente os de Nova York? Eles poderiam reunir os fundos necessários para cobrir as despesas relativas ao esforço que se faça para conseguir a liberdade destes prisioneiros. Dada a monstruosidade do caso, seria fácil interessar a União Americana de Liberdade Civicas a favor dos nossos homens.

Tudo isto e o restante, deve fazer-se de inteligente maneira. e creio que se obterá

a liberdade daqueles camaradas. Façam estes e outros esforços, se por acaso podem. Conheço o caso dum russo sentenciado por toda a vida, por ter desertado, sendo soldado do exército americano, quando ocupavam Arkangel na Rússia; foi posto em liberdade e deportado precisamente a semana passada devido aos esforços da União Americana de Liberdade Civicas.

Também o partido comunista da América propôs uma fusão ou «frente única» de todos os partidos proletários, para conseguir a liberdade dos presos políticos. Muitas distintas personalidades como Upton Sinclair, Alice Stone Blackwell, o irmão de Debs e outros delaram-se a favor dessa ideia. O nosso Comité de Defesa recusou a proposta de «frente única». Se eu estivesse livre e capaz de libertar todos os presos políticos, não aprovaria uma amalgama impossível composta de elementos heterogêneos, diferentes e hostis — o que é contrário à natureza; a ideia seria tão negativa como impossível, e causaria mais mal do que bem, não sabemo-lo por experiência própria. Eu, porém, solicitaria e participaria numa base livre e comum, para problemas e interesses comuns a cada um e a todos os participantes — posto que se trata de defesa e auxílio dos nossos camaradas presos.

Isto poderia acontecer, e se vós pedesdes interessear os participantes no caso dos nossos camaradas — o que seria até humano tomá-lo em consideração — tanto melhor para os presos.

Terminarei pedindo-te desculpa da extensão desta carta.

Deposita em meu nome uma flor vermelha no túmulo do nosso inolvidável Ricardo Magón. Saudações da minha parte aos operários e camponeses mexicanos.

B. VANZETTI

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Este organismo encontra-se aberto todos os dias úteis das 8 às 9 da manhã para inscrição dos sócios que se encontram sem trabalho.

Também convida mais uma vez para que todas as associações dos arredores enviem a este organismo listas com os nomes e profissões dos associados que se encontram sem trabalho.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição — Preço 2500, pelo correio 2550. Devidos a administração de B. B. B. B. B.

Contra a baixa de salários

Um apelo dirigido aos operários do mobiliário para ser ouvido por todo o operariado

Eu desejaria que a minha pena débil tivesse o condão de levantar, não apenas uma classe, mas todos aqueles que, oprimidos de sempre, sofrem ainda hoje as agruras do momento que passa. Eu desejaria ter um poder cíclopico que dispersasse as consciências adormecidas do grande exercito do trabalho, e levá-lo a reencarnar-se naquela massa uilante e conquistadora que gravou na história do movimento proletário, fulgurantes páginas de epopeia.

Eu queria que o meu *Surge, et ambula* fosse ouvido por todos aqueles que, sofrendo as várias tiranias, se mantêm apáticos e amorfados, presta a deixarem-se esburgar de regalias — caras regalias havidas ao preço de grandes lutas, de momentos de angústia, de fome, de prisão e até de algumas preciosas vidas!

O operariado não pode assemelhar-se ao rei das selvas que, senhor da sua força, adormece tranquilo após o refestelamento, certo de voltar a refestelar-se, sempre que de tal necessita, na inconsciência do tiro e do poder da morfina dos seus adversários... O operariado, possuindo a Razão e as suas conquistas têm que ser vigiadas, cuidadas e mantidas, até que, conquistando sempre, lhe consiga a carta de alforria, carta de alforria e de libertação para toda a Humanidade.

A força dos dominantes espreita sempre a Razão dos dominados; e a força se junta o Ardil quando se trata de estagnar, dissolver, fazer recuar.

A burguesia dominante pôz em jogo todos os seus elementos no sentido de fazer cristalizar a acção do seu inimigo — o operariado. Constringida a ceder aumentos de salário, oito horas de trabalho e mais uma série de regalias humilmente rudimentares, as suas atenções têm convergido no sentido de envolver o operariado num círculo de ferro, de que ele, acossado, dificilmente poderia sair sem deixar despir-se, uma a uma, de todas as suas conquistas. E se materialmente as nossas regalias pouco valem, visto que os aumentos de salário se evolvam em aumentos de preço da habitação, dos comestíveis, do vestuário, etc., e o horário de trabalho foi na sua diminuição ressarcido pelo aumento de preço dos produtos, moralmente as regalias operárias deixavam campo aberto para outros movimentos de conquista que feririam mais fundo os alicerces do predomínio burguês.

E então, forjou-se a crise de trabalho, esse artifício, a melhor demonstração da falência directiva do sistema capitalista. Quando se nota uma carência absoluta de tudo: de habitação, de meios de transporte, de conforto, de alimentação, de vestuário, etc., surge como corolário o paradoxo da crise de trabalho.

Mas a crise — esse artifício, repetimos — tem o especial fim de levar o operário a deixar-se conduzir à situação de dependente do favor patronal, pela aceitação de todos os sistemas e horários de trabalho. E mal irá ao operariado se não reage, se não for o círculo de ferro em que buscam apertá-lo.

É dos operários do mobiliário que, especialmente, me propuz tratar, mas, num assunto de interesse geral como este, eu não sei ser exclusivista. Permita-se-me pois que, sem vaidade de classe, eu afirme que esta marcou na vanguarda do movimento revolucionário. Permita-se-me também o lamento de que ela amorfada pela crise, não tenha sabido actuar no sentido de bem defender o terreno conquistado.

E como tempo não vai para retaliações que nada remediaram, eu ouso apenas recordar a essa falange operária os momentos de conquista em que sua alma vibrou em unísono, atravessando as maiores vicissitudes para conseguir as mais retribuintes vitórias.

Essa classe tem, como tantas outras, as suas fases de epopeia. A sua última luta deixou indeléveis traços de virilidade, a sua expansão reivindicadora foi comunicativa a todo-o operariado, pelos exemplos de perseverança e solidariedade que irradiou.

Cinco meses para conquista de mais salário, mas por cada dia uma afirmação moral do desejo de vencer a negregada federação Patronal. Então, lutava-se para vencer e venceu-se! Foi pouco ou pouco; mais não nos lare, mais liberdade nas oficinas, mais respeito e admiração de amigos e inimigos... Colheram-se louros; e, quando tudo indicava uma mais íntima ligação dos vencedores para a defesa das suas conquistas, a classe desinteressou-se de si própria, alheou-se parte dela do Sindicato, adormeceu sobre os louros.

O patronato, porém, não dormiu. Destroçado, ele encorajou-se com a apatia dos seus assalariados e preparou o salto para, oportunamente, se lançar sobre a presa. Essa oportunidade forneceu-lha a crise de trabalho, e a consequente oferta de braços. Então começaram pela selecção de operários, lançando na rua, na miséria, os menos hábeis, os mais cansados e os menos simpáticos. Aos que ficaram nas oficinas, sugeriam-lhe a redução de dias de trabalho e a redução de salários, de modo que a indústria não suportasse os actuais salários, decretam a baixa e para a conseguirem jogam com a situação dos sem trabalho. Em algumas casas o objectivo é atingido, porque a falta de coragem de alguns operários consente que lhes cerceiem um salário que já antes não suportava os encargos da vida.

Tudo isto, porém, porque os interessados se isolaram do sindicato e este passou a ter uma vida vegetativa e impotente para impôr respeito aos que outra missão não têm, senão a de fazer voltar a classe a deprimente situação de rebanho de escravos, sem direitos sem regalias.

Pode a classe dos operários do mobiliário, e como ela todo o operariado, consentir que nos lancem na mais íntima das situações?

Podem os trabalhadores, manter-se inertes e permitir que lhes baixem os salários, quando o custo da vida ainda não baixou e a fome paira ameaçadora sobre os lares proletários?

Podem os trabalhadores, deixar-se sofrer a dor da baixa de salários?

Podem os trabalhadores, deixar-se sofrer a dor da baixa de salários?

Podem os trabalhadores, deixar-se sofrer a dor da baixa de salários?

Podem os trabalhadores, deixar-se sofrer a dor da baixa de salários?

Podem os trabalhadores, deixar-se sofrer a dor da baixa de salários?

PESSOAL DO MINHO E DOURO

A Associação do Pessoal Técnico e Administrativo acaba de fundar-se com a União Ferroviária, estabelecendo-se assim a harmonia sindical da classe

Entre os ferroviários do Minho e Douro acaba de se estabelecer a harmonia sindical. Os factos que sucessivamente se têm dado nos últimos tempos, demonstram, exuberantemente, quão perigosa tem sido a divisão sindical para a família ferroviária do M. e D. Devido a ela, é que as entidades oficiais cometeram toda a sorte de abusos, delatropêlos, humilhações abusos, atropelos e humilhações que urge, sem perda de tempo, repelir.

Mas para isso era preciso o termo das retaliações pessoais, o fim das dissensões que promoviam a lamentável divisão da família ferroviária em dois organismos associativos que se guerreavam, com pleno conhecimento dos inimigos do proletariado, dos opressores da própria corporação dos caminhos de ferro do Estado.

Conseguiu-se, enfim, esse «desideratum», a família ferroviária do Minho e Douro congregou-se, unificou-se numa só colectividade. Os exemplos, as lições do passado, falaram mais alto do que os preconceitos personalistas. Sem a concatenação de todos os esforços, sem a solidariedade de todos os que trabalham, sem distinção de especialidades e de categorias, não se consegue para a felicidade comum, quer corporativa, quer intercorporativa.

Ainda bem que se reconheceu o erro, pelo que não podemos deixar de nos regosijar por tão feliz acontecimento.

Para o acôrdo definitivo, efectuou-se uma reunião, desdobrada em duas sessões, na sede da União Ferroviária, na qual tomaram parte, não só os associados desta colectividade, como os socios da Associação do Pessoal Técnico e Administrativo.

Aberta a sessão pelo presidente da U. F. V., foi convidado a presidir Cristovam Menezes Leite, da Associação do Pessoal Técnico e Administrativo, secretário Manuel Ivo, da U. F. V., e Alfredo Botelho, intermediário das duas colectividades.

Depois dumas breves palavras do presidente, explicando qual o fim da reunião, é posto à discussão, na especialidade, o regulamento interno que amplia os Estatutos da U. F. V. e completa a sua estrutura orgânica com a criação de novos quadros indispensáveis ao seu desenvolvimento, como, por exemplo, o Conselho Técnico com a representação de todos os ramos profissionais.

O título da União Ferroviária, com o sub-título: Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro, é aprovado por unanimidade.

Carlos Guimarães, o relator, diz adoptar o princípio de Tocildes: «Procurai nos vossos discursos, não brilhar, mas sim tornar-vos úteis». Como, portanto, entusiasta desse princípio, lê uma descrição da palavra Sindicato, isto devido a notar que em alguns o título criava um certo medo.

Por acharmos interessante, transcrevemos o documento:

«Infelizmente, ainda há muitas pessoas que não acompanhando a evolução das ideias e do valor das palavras, atribuem à palavra Sindicato um significado horrível, filio dumha concepção desgraciadamente trunca. Se aquele substantivo tivesse a significação exacta do que muita gente supõe, certamente o não viríamos praticado nas próprias classes comerciais, industriais e agrícolas.

Recorrendo ao próprio dicionário da língua portuguesa, nós não encontramos qualquer significação terrorista, pela qual nos indique que o Sindicato é uma agremiação exclusiva de malfetores ou revolucionários dumha determinada tendência política ou filosófica. Entre outras significações, tem estas: Sindicato — O que faz sindicância ou inquérito. Aquelle que é eleito de entre os

as consequências dumha crise fictícia, forjada de interesse do capitalismo, como arma de amesquinha de regalias tão caramente conquistadas?

Não podem nem devem tal consentir! Para todos os operários do mobiliário em especial e para todos assalariados em geral, eu apelo:

A violência do patronato decretando a fome pela redução dos salários, deve corresponder a corrida de todos os operários aos seus sindicatos, a dar-lhe a força que os impulse a adoptar meios de defesa que cristale em acção criminosos do patronato!

Que aqueles que durante tanto tempo lutaram, arcando com a miséria, calando a fome de mulheres e filhos esperanças na vitória que conseguiram, não deixem que lhes roubem o terreno conquistado e os conduzam a mais degradadas das situações. Há já muitos operários sem trabalho, a braços com a miséria; muitos outros nas oficinas, sob a ameaça de despedimento e da baixa dos salários.

É necessário reagir! Os sindicatos esperam-nos. E acorrem lá para defendermos o pão dos entes que nos são queridos e, para tal, estabelecer entre todas as classes de assalariados uma frente única inextinguível e aguerida que infunda respeito aos inimigos do operariado!

O Sindicato Único dos Operários do Mobiliário de Lisboa pretende iniciar uma intensa luta em defesa dos salários e contra a crise de trabalho. Este desejo sentem-no todos os sindicatos, toda a organização operária. Para tanto é indispensável que nenhum operário deixe de comparecer às assembleias que irão efectuar-se. A do S. U. dos Operários do Mobiliário deve realizar-se na próxima quinta-feira, às 21 horas; e magna e ela deve acorrem, todos os operários, tanto os que já estão em crise, como aqueles que tendo ainda trabalho estão sob a ameaça da rua ou menos salário.

Que esta assembleia seja o início dumha grande campanha, e nela se interesse todo o operariado, unificado sob um só pensamento:

Não consentiremos a baixa de salários!

Santos ARRANHA
Secretário do S. U. do Mobiliário de Lisboa

Secção Telegráfica

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Cabeço de Vide. — Associação Rural. — Mandem-nos informes do que há sobre as últimas prisões, para vosso interesse.

membros de uma associação para zelar os interesses da mesma. Junta formada pelos sindicatos que zelam os interesses duma sociedade».

Como vêem, não há nada de pavoroso, de dinamitista, na palavra Sindicato. Mas se não tem nada de dinamitista, tem, todavia, uma grande dinâmica, de cuja acção sai o desenvolvimento colectivo e individual dumha classe ou classes, que constituem um todo: a sociedade.

Assim, pois, interpretando o sentir do próprio dicionário, nós vemos que cada filio da União é um sindicato, porque ele de per si só é uma associação de esforços e vontades a inquirir, — não só em seu exclusivo proveito, mas no de todos os seus camaradas, — das suas necessidades, das probabilidades de as satisfazer, dos meios a empregar para, paulatina mas seguramente, tornar factível a maior soma de bem moral, profissional, económico e social.

Os corpos administrativos da União são um sindicato, porque na impossibilidade de todos os seus socios desempenharem a um tempo os serviços que lhes são destinados, eles são eleitos para zelarem os interesses da mesma, pondo em execução as resoluções das assembleias e em ordem toda a escrituração.

A União Ferroviária, pois, é um Sindicato, porque, servindo-nos ainda da própria expressão do dicionário, é uma Junta formada pelos sindicatos, os quais são todos aqueles componentes dumha corporação profissional que se unificam, que se agregam pelos laços indissolúveis da solidariedade, para sindicarem melhor os seus interesses individuais e colectivos, sob os seus múltiplos aspectos.

É certo que se convencionou, por uma questão de técnica fraseológica mais perfeita, chamar a cada associado *sindicado* e não *sindicato*. Mas não se assustem: dictionariamente ainda, *sindicado* é um substantivo masculino que quer dizer: *sindicato*.

Doutrinariamente, o Sindicato profissional «tende a preparar, dia a dia, a máxima coordenação das relações de solidariedade», para tornar possível, dentro do mais breve prazo, a emancipação das classes produtoras, no número das quais se conta a dos ferroviários. O Sindicato, segundo Pouget, completa a máxima de Sócrates: *Conhece-te a ti próprio*, proclamando esta outra: *Faze tu mesmo o que te diz respeito*. O Sindicato «levanta-se, como uma escola de vontade; o seu papel preponderante é o resultado do *Quero* de todos os seus membros».

Ora a U. F. V., fundamenta-se nestes princípios e ela tem de dar cumprimento aos compromissos de orientação e outros, não só tomados nas suas reuniões, como também nas conferências inter-sindicais e congressos corporativos».

Aprovado, com algumas emendas, os 66 artigos e bastantes parágrafos e alíneas do regulamento, José Júlio Gouveia propõe, visto a reunião ter sido convocada para a colaboração das duas associações, estabelecer o fortalecimento de um só organismo sindical, para que o regulamento não seja mais discutido, isto é: não indo às delegações como era desejo do seu relator, entrando imediatamente em execução. A proposta com o acôrdo de Carlos Guimarães, o relator, é dissolvida, *ipso facto*, a Associação do Pessoal Técnico e Administrativo, ingressando todos os seus associados na velha União Ferroviária.

Por último foi deliberado que se realize uma sessão solene comemorando a unificação da família ferroviária do Minho e Douro, para cuja efectivação, que certamente será num dos teatros desta cidade, ficaram encarregados os 15 elementos que estabeleceram as bases do entendimento.

EM AMOREIRAS

Um médico que vota à vida humana o desprezo dum vulgar carrasco

AMOREIRAS, 11. — No dia 9 a ís 18.30 horas, quando o descarregador do C. de Ferro da Estação das Amoreiras, Eugénio Martins, com outros colegas procedia ao carregamento de uns barris vazio para dentro de um vagão, escorregou da prancha onde se firmava, e caiu desamparado na ponta da gare, do que lhe resultou quebra da clavícula esquerda e várias escoriações no braço e ombro esquerdos.

O chefe da estação, o sr. José das Dores, que num gesto digno e altruista socorreu imediatamente o sinistrado, oficiou logo ao médico, do Caminho de Ferro o sr. Carlos Bastos, que está em S. Martinho das Amoreiras, pondo-o ao facto do sucedido umas 2 horas depois do sinistro, pois que S. Martinho dista da estação uns 4 quilómetros. Pois hoje dia 10 já tarde fora, ainda teve que ir a caminho de S. Martinho o filho do sinistrado rogar comovidamente a sua Ex.ª... para que este 24 horas depois apparecesse a ver o doente.

O procedimento deste senhor que de médico passa a carrasco foi vivamente censurado tanto mais que já tem procedido pior para com outros doentes, tendo já chegado a apparecer 3 dias depois de ter sido chamado !!! — E.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje às 21 horas os advogados deste Secretariado dão consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cadereta confederal em dia.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Vida Sindical

Camara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Conselho Geral

Reúne amanhã, pelas 21 horas, para assuntos urgentes.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE: Federação Mobilíaria. — Conselho Federal. — A's 20.30 horas, com a ordem de trabalhos já publicada. Reúne com o número de delegados que comparecer.

Impressores Tipográficos. — A direcção, às 18 horas, com a presença da cobradora.

S. U. da Construção Civil. — Secção Profissional dos Pedreiros. — Pelas 20 horas, os delegados ao Conselho de Secções e Conselho Técnico e a comissão de defesa profissional.

Federação Metalúrgica. — A comissão administrativa, pelas 20.30 horas.

Federação da Construção Civil. — A comissão administrativa, pelas 21 horas.

Maquinistas Fluviais. — A assembleia geral, pelas 20.30 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Apreciação do relatório do delegado ao I Congresso Confederal; Organização do Sindicato Misto dos Maquinistas Marítimos, e vários assuntos de interesse para a classe.

Operários Alfaiates. — A assembleia geral, pelas 20.30 horas, para apreciar o relatório do delegado ao Congresso Confederal.

DIAS PRÓXIMOS: Manufactores de Calçado. — Reúne-se em assembleia geral na próxima quinta-feira, pelas 20 horas, para apreciar uma circular da Federação da indústria, e a crise de trabalho.

Federação do Livro e do Jornal. — A comissão organizadora do Congresso, a fim de ultimar os seus trabalhos, amanhã, 14, pelas 18.30 horas.

Sindicato dos Profissionais da Imprensa. — A assembleia geral ordinária foi convocada para amanhã, pelas 16.30 horas, a fim de apreciar o relatório dos trabalhos realizados pela direcção no trimestre findo. Caso não haja número suficiente de socios na primeira reunião, a assembleia reunirá no dia 17, pela mesma hora, deliberando-se então com qualquer número.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Liga das Artes de Vição Portuense. — Reúne a comissão administrativa deste organismo e depois de ter dado despacho a vários expedientes, lhe resolveu efectuar uma reunião de militantes deste organismo e doutros que devem fazer parte da Federação de Transportes Urbanos de Portugal, em 15 de Maio, na próxima quinta-feira, pelas 21 horas, na sede da Associação dos «Chaufeurs» do Norte de Portugal, à qual já oficiamos.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Secretariado Central. — Reúne-se amanhã, pelas 20.30 horas.

Secção Metalúrgica. — Reúne-se hoje a comissão executiva com a presença do secretário geral do Núcleo, sendo imprescindível a comparência do 1.º secretário da comissão.

A catástrofe de Cezimbra

Um protesto do Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra contra uma vergonhosa cumplicidade das capitania de porto

O Sindicato dos Fogueiros de Mar e Terra, reunido em assembleia geral aprovou uma moção na qual se lança um protesto veemente contra a fiscalização exercida pelas capitania dos portos, fiscalização que ocasiona catástrofes tão trágicas como a que se deu ultimamente em Cezimbra.

Passamos a reproduzir essa moção:

«Considerando que mais uma explosão veio enlutar os sindicatos marítimos e por consequência a família dos marítimos que na mesma pereceram;